

O CAMINHO PARA TRANSFORMAR O INVISÍVEL EM VISÍVEL NA MÍMICA TOTAL

Luis Louis¹

RESUMO

Este artigo descreve a jornada de cinco anos de um jovem artista, que decide se aventurar no Velho Mundo e encontra na Inglaterra a Arte da Mímica. Sua formação profissional, associada a uma profunda transformação pessoal e artística, é relatada com detalhes na intensa rotina de treinamento da escola Desmond Jones – Mímica e Teatro Físico, considerada por muitos, a mais conceituada Escola de Mímica e Teatro Físico do Reino Unido e uma das mais respeitadas do mundo. Numa trajetória que borra as fronteiras entre vida e arte, a relação do aprendiz com o seu mestre ressignifica o entendimento da Mímica, provocando um novo olhar que amplia o sentido dessa palavra, para além dos palcos. Este texto marca o período de nascimento do conceito da Mímica Total.

Palavras-chave: Mímica. Pantomima. Teatro Físico. Mímica Corporal. Mímica Total. Desmond Jones.

ABSTRACT

This article describes the five-year journey of a young artist, who decides to venture into the Old World and finds the Art of Mime in England. His professional training, associated with a profound personal and artistic transformation, is reported in detail in the intense training routine of the Desmond Jones School – Mime and Physical Theater, considered by many to be the most respected School of Mime and Physical Theater in the United Kingdom and one of the most respected in the world. In a trajectory that blurs the boundaries between life and art, the apprentice's relationship with his master gives new meaning to the understanding of Mime,

1 Luis Louis é ator, diretor e dramaturgo, com notório saber e mestrado pela PUC-SP. Especializou-se em Mímica e Teatro Físico na Desmond Jones School of Mime and Physical Theatre, na Inglaterra, onde viveu por cinco anos. Nesse período desenvolveu uma intensa pesquisa na área, que incluiu diversos cursos, trabalhos e espetáculos. Foi professor de mímica no Royal National Theatre e na The School of the Science of Acting, em Londres. É especialista em Artes Marciais, tai chi chuan e faixa preta em kung fu pelo Templo Shaolin de Kung Fu (TSKF). É autor do livro *A Mímica Total* (2014), um inédito e profundo mapeamento dessa arte no Brasil e no mundo. E-mail: estudio@luislouis.com.br

provoking a new look that expands the meaning of this word, beyond the stages. This text marks the birth period of the Total Mime concept.

Keywords: Mime. Pantomime. Physical Theatre. Corporeal Mime. Total Mime. Desmond Jones.

RÉVEILLON NO CÉU!

Trinta e um de dezembro de 1992, me encontro no céu, dentro de um avião, no meio do oceano Atlântico, rumo a uma nova vida. Já é quase meia noite. Réveillon! Ano novo, vida nova, rumo a Londres. Atrás de mim, o meu país, minha família e a minha história. Foi um ano bem difícil, com o impeachment do nosso presidente e muitos sonhos que desabaram numa dura realidade. E à frente, o peito cheio de esperanças de uma nova vida, num velho mundo.

Vinte e três anos, um ator profissional, com DRT, mas amador na arte. Com muitos cursos e algumas peças. Na minha formação em Artes Dramáticas, aprendi uma rigorosa hierarquia teatral, na qual ficava notória a importância do produtor, no topo da pirâmide, seguido do autor, do diretor, dos técnicos de teatro e, numa posição mais frágil, encontrava-se o ator-intérprete. Este iniciava o seu trabalho somente após receber o seu texto. Aprendi o teatro textocentrista, o da palavra. A atriz e o ator tinham uma posição bem menor no contexto da criação, devido à escala de importância daquele teatro que me ensinaram.

As minhas perspectivas eram fazer parte de uma grande produção, estar a serviço de um texto, obedecendo às vontades do produtor, do autor e do diretor. Poderia, também, batalhar comerciais na TV, procurar testes e, se tudo desse certo, novelas. Preferi não!

A FILA DE UM NOVO DESTINO

Quando o avião aterrissou no aeroporto de Heathrow, percebi que a mudança que desejava, chegara mais cedo do que imaginava. E não foi calorosa. Do verão do Brasil ao inverno da Inglaterra em poucas horas, parecia que o vento gelado encontrava passagem livre no meu pesado casaco. Mas, com 23 anos, achei engraçado tudo aquilo, estufei o peito e caminhei rumo à imigração.

A fila era longa, lenta e tensa, pois havia a possibilidade de não conseguir o visto e ser deportado. Saber se conseguiria entrar somente em

território britânico sem antes ter uma confirmação em solo brasileiro tornava essa experiência ainda mais dramática. Poderia conseguir o visto de seis meses de turista e ingressar num novo destino ou ser barrado e deportado. Minha sorte estava lançada. Confesso que fiquei nervoso. Uma rápida entrevista com o agente da alfândega mudaria todo o desenrolar da minha vida.

— O que veio fazer no Reino Unido? Onde vai ficar? Quanto tempo? Deseja morar aqui? Trabalhar? Conhece alguém? O que faz no Brasil? Trouxe dinheiro? Quanto? — Perguntou o gélido *friend*.

Congelei por alguns segundos eternos! No meio do desespero, tentando entender a nova língua e achar a resposta salvadora, fui presenteado por uma inspiração divina, lembrei-me dos conselhos de um experiente amigo viajante:

— Não importa o que perguntem, responda: turismo, turismo e turismo! Não fale que quer estudar, que deseja tentar uma vida nova e trabalhar..... NUNCA!!! Diga, *tourism!*

E assim fiz. Ele me escaneou, neutramente, com o seu olhar, carimbou o meu passaporte e disse:

— *Welcome! Next!!!!* Bem-vindo! O próximo!!!

A mímica já estava em mim. Meu controle corporal foi intenso. Espelei com ele um leve sorriso inglês e me concentrei em levar um pé à frente do outro, num andar tranquilo, sem deixar vaziar o vulcão de emoção e alegria interna.

QUADRO EM BRANCO

Peguei a minha mala e passei pelo portão de desembarque. Estava em Londres! Na minha imaginação, todos estavam em câmera lenta, ouvia uma trilha sonora de Rolling Stones, Beatles, Oasis. Senti os meus lábios tocando nas minhas orelhas. Já não conseguia disfarçar mais tanta alegria.

E naquele momento percebi que eu era uma tábula rasa, um quadro em branco, ninguém sabia quem eu era, não tinha história, passado nem memórias naquele país.

A partir daquele momento, tinha um poder imenso de ser... eu mesmo! Não precisaria defender nenhuma imagem ou persona, pois ninguém sabia quem ou o que era “eu”. Importante lembrar, para a geração Z, que

naquele momento não existia WhatsApp, Zoom, redes sociais, Youtube, e a internet existente ainda não podia ser chamada, dignamente, de internet. A comunicação com o meu país era precária. Compreendi o famoso poder do agora, tão explorado nos livros de autoajuda. Realmente, a partir daquele momento, poderia me tornar produtor de futuro, criador de mim mesmo e me desfazer de algumas máscaras que ficaram coladas em mim, durante a minha curta vida. E, sem estar consciente, tudo me levava em direção a um acontecimento que iria transformar e dar sentido a toda a minha vida: o encontro com a Arte da Mímica.

FRIA REALIDADE

O primeiro momento foi de encantamento. Tudo era novo, interessante, as pessoas, os gestos, as ruas, as casas, o cheiro, a língua...

O segundo momento, o da realidade: o frio cortante, a dificuldade em me relacionar com os ingleses, o custo de vida, a solidão, os trabalhos possíveis, a vida de um brasileiro em Londres.

Tinha dinheiro para ficar um mês no máximo. Pretendia ficar alguns meses, mas fiquei mais de cinco anos.

Me aventurei em terras estrangeiras sem bolsa de estudos, sem emprego e sem recursos financeiros.

Importante ressaltar que, ao aterrissar no aeroporto de Londres, não tinha onde me hospedar. A minha estratégia era procurar um hotel, bem barato, para ficar por uma semana e, assim, organizar a minha vida.

Na conversão da nossa moeda para libras esterlinas, o que restava após o câmbio era desesperador. Teria que arrumar um trabalho antes do esperado. Como o meu visto era de turista brasileiro, não tinha permissão para trabalhar. Mas, quem disse que isso era um impedimento para um imigrante brasileiro? Trabalhei como faxineiro doméstico, na limpeza de museu, ajudante de cozinha, *bus boy* (ajudante de garçom), garçom e, finalmente, barman, o que me permitiu juntar dinheiro, gorjetas e começar a concretizar o meu objetivo, o de estudar Artes Dramáticas no Reino Unido.

No Brasil, me falavam muito de um tal Desmond Jones², um grande mestre inglês da Mímica e do Teatro Físico. A saudosa atriz, diretora e pedagoga Célia Helena me aconselhou a procurá-lo antes de eu deixar o solo brasileiro. Mas confesso, que não me animei muito, pois tinha um certo preconceito com a Mímica. Parecia-me uma arte menor. Como me enganei!

Os primeiros seis meses em Londres foram muito difíceis. A excitação e o romantismo da chegada foram substituídos, rapidamente, pela dureza das longas horas de trabalho nos subempregos ilegais. Além disso, tinha uma preocupação constante de fugir da fiscalização da imigração, pois numa blitz, seria deportado diretamente, sem chance nem de pegar os meus pertences em casa. E isso realmente acontecia. Mas estava focado, obstinado em atingir o meu sonho, que eu nem sabia claramente qual era. O corpo e a intuição me levavam. De alguma maneira, sabia que estava no caminho certo.

Mas é incrível a diferença de trabalhar em um subemprego num país do chamado Primeiro Mundo. Conseguia viver de maneira simples, mas bem, e até juntei dinheiro para, finalmente, estudar teatro!

O CHAMADO

As opções eram imensas em Londres, a cidade respirava arte! E, como sempre, quando temos muitas opções, ficamos perdidos. Era esse o meu caso. Comprei uma revista, chamada *Time Out* para me ajudar. Era semanal e servia como um guia para saber de tudo que estava acontecendo em Londres, como festivais, peças de teatro, shows e cursos. Comecei a folheá-la no metrô, a caminho de casa, quando ao virar uma página acendeu nos meus olhos uma informação: aberto o processo seletivo para

2 Desmond Jones é um dos criadores do Teatro Físico, fundador e diretor da renomada Desmond Jones School of Mime and Physical Theatre, na Grã-Bretanha. Conta mais de cinquenta anos de trabalho como professor, coreógrafo e diretor. Sua longa carreira artística abrange teatro, ópera, televisão e cinema. Realizou performances regularmente na Grã-Bretanha e Europa. Sua formação inclui estudos em Paris com Étienne Decroux e Jacques Lecoq. Durante sua carreira, trabalhou com Peter Cook, John Cleese (Monty Python) e Keith Johnstone; também atuou em incontáveis dramas e comédias para TV, e em mais de cem comerciais. Desmond atuou também em cinema e treinou atores para filmes, além de ter coreografado no West End e dirigido em Hong Kong. Foi diretor de movimento em dois épicos de Hollywood e trabalhou com Robert Towne (*Greystoke, Chinatown*), Jean-Jacques Annaud (*Quest For Fire, The Lover*), Victor Spinetti, Arnold Wesker, Ridley Scott, Mike Alfreds e muitos outros. Foi Movement Advisor no The National Theatre e no Opera Buffa e coreografou para o Royal Ballet e The English National Opera.

a Desmond Jones – School of Mime and Physical Theatre³. Confesso que tinha me esquecido daquele nome, mas, ao ler aquele informe, uma tela se abriu na minha mente e com ela a imagem retrospectiva de todas as pessoas que me indicaram essa escola. Sabe aquela brisa mental que passa uma vida em alguns segundos? Quase isso!

Virei a página e logo chegou a minha estação, High Street Kensington. Saí do trem, mas aquela imagem continuou na minha mente. Engraçado, como a gente se nega e se sabotava num chamado. Comecei a driblar os meus desejos, dizendo para mim mesmo: A Mímica é muito chata! Aqueles joguinhos de festa ou acampamento! Eu gosto de falar! Eu sou ator! Quero algo maior! Mas aquilo não saiu da minha cabeça, ou melhor, do meu corpo todo. Após alguns dias de negação, senti que tinha algo forte nesse sentimento e decidi marcar uma entrevista para o processo seletivo da escola. Num mix de medo, nervosismo e excitação, liguei e, para a minha surpresa, o próprio Desmond Jones atendeu com o seu inglês impecável de *lord*. Tentei esconder ao máximo o meu sotaque estrangeiro, com receio de que isso pudesse ser um obstáculo, mas depois de algumas frases ele já me perguntou de onde eu era. Inocência a minha achar que ele não perceberia o meu sotaque. Com todo o calor possível a um britânico, marcou a entrevista e me passou um endereço diferente da escola.

O ENCONTRO COM O MESTRE

Chegou o dia! Era uma típica casa inglesa. Bati à porta e, nos segundos de espera, me conscientizei da importância daquele momento. Conheceria o grande mestre da Mímica, professor de tantos artistas renomados no mundo e que, além do teatro, teve o seu trabalho conhecido em diversos filmes hollywoodianos.

Escuto passos se aproximando da porta, meu coração acelera e... Desmond Jones me recebe com um sorriso e confirma:

— Louis?

Sem jeito para corrigir a pronúncia correta, confirmei com um sorriso exagerado:

— *YES!*

3 Desmond Jones School of Mime and Physical Theatre (1979–2004): segundo Nigel Jamieson, diretor da London International Workshop Festival e do London Festival of New Circus and Odyssey Theatre Company, foi a mais conceituada escola de mímica e teatro físico da Grã-Bretanha, e a de maior duração.

Ele me levou para o seu escritório, que ficava no andar de cima de sua residência. Sentamos frente a frente, e a entrevista começou. Logicamente, ele quis saber sobre o meu histórico, formação, experiências, mas percebi que o que mais lhe interessava era a questão da atitude, da paixão e do envolvimento. A entrevista estava indo bem tranquila, mas aí veio a pergunta arrebatadora e decisiva do mestre:

— Por que você acha que esse curso é pra você? E você teria esse comprometimento que é necessário para essa arte?

Com uma certeza surpreendente até para mim, falei:

— Ao marcar a entrevista com você, entrei num processo corporal parecido com o de uma estreia, frio na barriga, excitação misturada com insegurança, e ao bater na sua porta o meu coração batia da mesma maneira de quando piso no palco, como numa montanha russa de emoções, mas com muita alegria. Quanto ao meu comprometimento, para chegar até aqui, tive que cruzar o Atlântico.

O Mestre fez um silêncio meditativo, digno de um grande mímico e me disse que entraria em contato comigo nos próximos dias, com a resposta.

Nos dias seguintes, tentei aliviar e não pensar tanto nisso. Impossível!!! Era só nisso que focava, como um mantra.

Quase uma semana depois, ao chegar em casa, meu amigo polonês, Norbert, me disse, com um certo mistério, que tinha atendido um telefonema de um inglês, muito polido, que queria falar comigo, mas não conseguia se lembrar do seu nome.

— Desmond? Falei quase saltando.

Ele confirmou e me entregou um número, dizendo que entrasse em contato com ele.

Depois de muita hesitação e ensaios, liguei. Sabia que aquele momento seria crucial. O sagrado tempo de *kairós*, o da oportunidade da mitologia grega, se fez presente. O sim ou o não, de um segundo de duração, iria direcionar o rumo de uma outra história da minha vida.

Tinha sido um ano muito difícil, de muitas dificuldades, solidão, obstáculos, mas que, de repente, foi compensada por um...

— *YES!* Você foi aprovado — disse Mr Jones!

Eu não cabia em mim de tanta alegria.

O PORTAL DE UM NOVO UNIVERSO

O dia chegou! Primeiro dia de aula na Escola Desmond Jones – Mímica e Teatro Físico.

Era um grande galpão que ficava atrás de uma igreja. Atravessei um jardim para chegar na entrada. Vi uma porta normal, mas que na minha memória tem a imagem de um portal sagrado, passagem para um novo universo. Mergulhei numa outra dimensão. Um lugar onde tudo é possível, até o impossível. O mundo da Mímica!

No primeiro dia, fizemos uma maratona de exercícios corporais, explorando a articulação, coordenação, dinâmicas de movimentos, técnicas de criação de ilusões e até improvisações verbais. Sim. Aprendi que a Mímica também fala. Geralmente confundimos essa arte com um dos seus gêneros, o da pantomima, que é silenciosa. No final da aula inaugural, fiquei surpreso com a amplitude dessa formação, que envolvia todo o processo, detalhado, da arte da atuação.

A turma era bem eclética. Trinta artistas das mais variadas culturas.

Todos os dias eram repletos de surpresas, magias e descobertas. Percebi logo na primeira semana que a visão que havia construído dessa arte era limitada e muito caricata. Essa arte não é um anexo menor do teatro, mas a essência dele. Ela não é muda, mas fala, canta, dança, tem objetos, textos. A sua força vem da escuta do silêncio, da potência expressiva do corpo, da conquista do palco nu e da posição da atriz e do ator no centro da criação.

Iniciei uma jornada transformadora que iria refletir em toda a minha vida. Impossível separar essa arte do meu ser. Toda semana era encantadora. Os conceitos eram trabalhados na prática, na ação. Todo o processo de racionalização era feito com o corpo em movimento, com o pensar na ação. Pela primeira vez entendi, na prática, a integrar o corpo e a mente. E isso era libertador, divertido e muito criativo. Só então, me conscientizei de como a minha educação artística tinha sido cartesiana, pois o processo era sempre dividido, primeiramente, em sentar e pensar na cena, para, somente depois, levantar e encenar. Ficava clara a separação do pensar e do agir. Na Mímica é diferente. Todo processo é o da análise ativa, isto é, pensar em movimento, com o corpo.

A percepção de tudo era diferente, da ação, das falas, das relações, do espaço e da vida! Era como se aqueles ensinamentos saíssem daquele galpão e atravessassem a rua comigo. Comecei a ver um mundo e a arte com uma postura diferente. Não conseguia mais diferenciar uma da outra.

O treinamento era intenso e diário. Exigia muito do corpo, muitos exercícios para despertar cada articulação, dilatar a expressividade,

desenvolver uma nova musculatura e consciência de um novo espaço cênico: o das ilusões. Importante enfatizar que era ensinada uma ilusão diferente da ficção, pois a ideia era criar no espaço novas realidades, verdadeiras, por meio de uma linguagem poética. O treinamento era corporificar a abstração das sensações e emoções em corpo, isto é, transformar o invisível em visível.

Simultaneamente, essa rotina focava em exercícios práticos para romper com bloqueios da expressão e abrir o fluxo da criatividade para eliminar os obstáculos instalados entre o pensar e o agir. E a solução para isso era pensar na ação, fazer pensando, corpo e mente juntos. Nisso emergia a espontaneidade.

Enxergava aquela rotina como um templo shaolin da arte. Isso justificava a ideia de Étienne Decroux, o pai da mímica moderna, que dizia que o ator deve ter o corpo de um ginasta com o pensamento de um poeta, remetendo-nos diretamente à expressão “atleta do coração”, usada por Artaud (1999, p. 151).

A JORNADA DO SILÊNCIO À PALAVRA

Percebi, nesse período de formação, uma clara jornada, que anos mais tarde denominei, no método da Mímica Total, como o ciclo da vida, que envolve uma jornada do silêncio à palavra. Foi a metáfora que usei para apreender e corporificar aqueles ensinamentos preciosos, que aconteciam muitas vezes em saltos, sem seguir uma narrativa cronológica, mas uma metodologia muito coerente.

Foi um caminho que estimulou uma forte escuta do silêncio, para me conectar com os meus pensamentos e sentimentos mais profundos. O modo de expressão genuína emerge nesse momento, e com isso se inaugura um período como o da gestação ao nascimento, no qual acontece a descoberta do inédito. Um novo corpo nasce, com infinitas possibilidades. A consciência do movimento, do andar, dos gestos e da comunicação não verbal, como num bebê. Os passos dessa caminhada continuam com a conquista do espaço, a descoberta dos sons onomatopaicos, a invenção de uma língua, como no granelô da *Commedia dell'Arte*, e, por fim, a palavra. O ciclo completo do ato total: pensamento, corpo e voz. Sustentado pelos ensinamentos de Jacques Lecoq: “Silêncio antes da palavra!” (2002, p. 29).

Vivia dois profundos processos simultâneos na minha vida: de uma lado, o de viver num país estrangeiro; do outro, o de recém-chegado a um novo universo artístico. Na Inglaterra foi necessário aprender uma nova

língua, novos gestos, diferentes modos de expressão e me abrir a um devir de constantes acontecimentos. Simultaneamente, era um imigrante na arte da Mímica, que exigia um novo corpo e uma nova atitude. A arte e a vida se conectaram de tal maneira que não conseguia mais distinguir onde começava uma e terminava a outra.

OS QUATRO TIPOS DE SILÊNCIO

O silêncio é a base da arte da Mímica e onde tudo começa.

Ele é a ponte para o invisível, para o não palpável, isto é, o mundo virtual, das sensações, das energias e dos pensamentos.

Essa escuta é o caminho para despertar a percepção da força vital interior, ou como os estoicos a chamavam, do Daimon, traduzido como, divindade interior.

No meu primeiro ano em Londres, o silêncio me acompanhou. Não conhecia ninguém. Ficava por horas sem falar. Isso me agonizou no início, mas também me fez perceber o que realmente estava acontecendo dentro de mim. Na maior parte do meu dia, não era consciente de que algo pensava em mim, algo que não era meu, e sim do ambiente e da cultura que vivi. E, por não perceber os meus próprios pensamentos, não conseguia identificar o que desejava e, pior, procurar que outros me falassem o que estava pensando. Pode parecer loucura, mas é o que acontece. Mas não adianta fugir. A resposta está em nós mesmos.

Essa transição de ambiente e de vida me fez atingir uma escuta do silêncio até então não experienciada.

Aprendi a distinguir quatro tipos diferentes. O primeiro é o silêncio interno. Ele é íntimo e intrapessoal. É o que me conectou à minha força vital.

O segundo é o externo, interpessoal, que envolve perceber a linguagem corporal das pessoas e se abrir para ela. Entender o que está sendo dito sem as palavras, nas falas do corpo, tanto no palco, numa cena, como também na vida cotidiana, em uma conversa.

E o terceiro é o silêncio do ambiente, que nos conecta às forças da natureza e ao nosso redor.

Os três silêncios anteriores são muito positivos para fortalecer a expressão.

Mas existe um quarto. O silêncio do calar-se. Presente na opressão, nos bloqueios e na violência. Esse é o que devemos evitar na mímica da

vida. Este segura o que deve ser dito, seja nos gestos como nas palavras.

O silêncio é o primeiro portal para atingirmos a nossa presença. E nos leva diretamente para o segundo portal dessa jornada: a respiração.

A RESPIRAÇÃO: O TERMÔMETRO DAS EMOÇÕES

O estudo da arte da Mímica provocou um novo olhar sobre a minha vida em terras estrangeiras. A arte e a vida estreitavam cada vez mais os seus laços. O silêncio da solidão em terras estrangeiras me fez despertar para a segunda grande lição: a consciência da respiração. O termômetro das emoções. Essa percepção é mágica, pois qualquer emoção que sentimos se reflete diretamente na qualidade e no ritmo respiratório. Com isso, é possível perceber a emoção que nos atravessa, simplesmente, respirando conscientemente. E mais, conseguimos com ela reverter estados negativos em positivos. É por isso que ela é tão valorizada nas artes marciais e nas práticas de yoga. Segundo o ideograma chinês *chi* ou *qi*, entre tantos de seus significados, três deles integram essa mesma simbologia: respiração = energia = vida.

Na arte da Mímica o que diferencia o movimento orgânico, do mecânico é a sincronia com a respiração. Quando o performer se movimenta tendo a respiração como base, acontece a corporeidade, isto é, o movimento em vida. E o contrário acontece na fisicidade, isto é, a respiração não é incorporada à ação, o que resulta num movimento condicionado e sem presença. Na arte da Mímica, o primeiro texto do ator é a sua própria respiração.

Esse conceito vem ao encontro do que dizia o psiquiatra José Ângelo Gaiarsa:

A respiração é o nosso automatismo mais antigo. A primeira coisa que a gente faz na vida é respirar. Ela é a única função vegetativa que está sujeita ao controle da nossa vontade. Eu posso respirar por querer, respirar mais por querer ou não respirar por querer. Eu não posso fazer isso com o estômago, com o coração, com a vesícula, com a bexiga, nenhuma função orgânica eu posso controlar por querer. A respiração eu posso. (GAIARSA, 2012.)

Essa lição provocou uma profunda transformação no meu olhar, na arte e na minha vida cotidiana. É uma informação expressiva preciosa para a comunicação. Comecei a perceber a respiração dos meus parceiros

de cena e, também, dos meus interlocutores. Uma nova janela se abriu, e com isso tudo mudou: Londres, as pessoas, meus gestos... eu.

Nessa jornada acontece um caminho natural: ao abrir a primeira porta do silêncio, encontramos a respiração, e em seguida o corpo se revela.

O CORPO E A CULTURA

Ao me relacionar com os ingleses no meu trabalho, nas ruas ou num pub, ficava evidente a diferença cultural. Ela não acontecia somente nas falas, mas principalmente na comunicação não verbal. A nossa mímica era diferente, e isso ficava claro na linguagem corporal, nas expressões faciais e na relação do espaço, também chamada de proxêmica.

Sentia, muitas vezes, certo desconforto de alguns britânicos ao conversarem comigo. Algo errado com a distância, pois havia um constante ajuste de espaço por parte deles. Era como se eu invadissem seu espaço pessoal, pois constantemente recuavam durante o nosso bate-papo. Os gestos deles eram bem mais econômicos que os meus, e a minha expressão facial tinha uma pitada de cartoon, segundo os comentários em sala de aula. Mas o grande problema apareceu numa conversa com a Vicky, uma colega do sul de Londres, que estudava na mesma turma. Ela falou algo muito divertido, e eu, como era do meu costume no Brasil, soltei uma gargalhada e toquei no ombro dela. *Big mistake*, grande erro! O clima pesou. Um mal-estar no ar...percebi naquele momento, que a mímica não é universal e que precisaria me adaptar a uma nova cultura. *Sorry!* Pedi desculpas, e seguimos, mais distantes e, assim, em harmonia.

Nos treinamentos de formação em mímica na Escola do Desmond Jones, aprendi uma gramática corporal incrível. Estudei sobre as gamas de atuação, que é equivalente a um *dimmer* para a nossa expressão. Com essa técnica é possível adaptar o gestual do naturalismo ao expressionismo máximo. Foi uma lição que levei para a minha vida. Usei esse *dimmer* para deixar os meus gestos mais econômicos e britânicos. Funcionou!

Por meio de vários exercícios em grupo, ficou claro que a distância do brasileiro numa conversa é menor e mais calorosa que em muitas culturas europeias.

Fiquei consciente de cada articulação do meu corpo, por meio das escalas corporais de Étienne Decroux. Nela, cada parte do corpo é tratada como uma nota musical. A partir do momento em que você as aprende, passa a ser possível criar infinitas composições de movimentos. É como se deixasse de ser prisioneiro do seu próprio corpo e encontrasse a chave para

a liberdade. Muitas vezes, sentia que tinha muitas ideias, mas não sabia como expressá-las em gestos e transformá-las em cenas. Com a técnica da mímica, conseguia escrever os meus pensamentos com o meu corpo, num fluxo direto. Quer liberdade maior do que essa?

Essa descoberta me fez pensar diferente e romper com a divisão cartesiana de mente e corpo. A metodologia era a de pensar em movimento. Ao criar uma cena, evitávamos sentar para combinar e só depois nos levantarmos para encenar. Tudo acontecia junto, em pé, com a análise ativa. E essa postura abria possibilidades que nunca poderíamos pensar sentados, numa mesa, com uma caneta na mão.

O corpo deixa de ser um instrumento do pensamento e se torna o próprio pensamento. O mímico não tem um corpo, ele é o corpo.

Agora, com as três portas abertas do silêncio, da respiração e do corpo, eu me sentia num estado dilatado de presença. Esses ensinamentos provocaram uma mudança sensível no modo de me colocar no palco e na maneira de perceber o mundo.

Eu me sentia com superpoderes! No metrô, conseguia perceber com mais facilidade as falas do corpo da multidão. Nos momentos de angústia, focava na minha respiração e conseguia me tranquilizar. Com a consciência corporal ampliada, me expressava com mais segurança e clareza. Era como se a minha vida subisse nos palcos e os ensinamentos da arte ressoassem na rotina do meu dia a dia. Uma combinação perfeita!

A COISA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO!

O treinamento acontecia de segunda a sexta, com rotinas bem distintas a cada dia. Eu estava maravilhado com a técnica e com o crescimento que sentia. Meu corpo parecia não ter mais limites. E vieram as famosas ilusões da mímica. Aprendi a criar um cenário de impossibilidades. Tudo que imaginava era possível concretizar no espaço, formas, superfícies, sensações, tudo! Empurrava grandes objetos por meio da mímica objetiva e puxava memórias com as metáforas da mímica subjetiva. No palco nu, me sentia um deus, com o poder de criar um mundo!

Olhava para os meus colegas e constatava que esse encantamento não era só meu, mas de todos. E, dentro desse ambiente mágico, Desmond Jones nos reuniu numa grande roda e anunciou um grande acontecimento. Disse que, dentro de trinta dias, iríamos aprender a coisa mais importante do mundo! Um silêncio fez vibrar todo o espaço com os nossos olhares. “O que poderia ser mais importante que tudo aquilo?”, pensei.

Ele completou:

— O que vou mostrar pra vocês daqui a um mês é o que realmente importa. Sem isso, o artista pode pegar toda essa técnica e ensinamentos e jogar no lixo. Não servirá para nada, pois é esse elemento que o público realmente procura em você.

E assim finalizou a nossa aula.

A turma ficou inquieta. E agora? Como poderia ter uma vida em paz depois disso? Esse era o único assunto na saída da escola.

No dia seguinte, tínhamos esperança de que ele adiantasse algo, mas, na roda do final da aula, comentou:

— Daqui a 29 dias, vocês irão conhecer a coisa mais importante do mundo.

E a tortura começou, todos os dias ele atualizava a contagem regressiva:

— Faltam 22 dias, 15 dias, uma semana, dois dias...

Chegou o grande dia! A excitação da turma na primeira parte da aula era notória. A cada pausa, achávamos que tinha chegado o momento, a cada exercício proposto, vinha junto a pergunta, será que é esse o momento? Mas não. Intervalo de 15 min. Tomei um balde de café, estressado com a espera. O tempo não passava! Então Desmond nos chamou:

— Este é o momento! Venham ao centro da sala, juntem-se bem, que agora todos verão a coisa mais importante do mundo! Preparem-se! Isso vai acontecer aqui, neste espaço na frente de vocês. Fiquem firmes, não é necessário fazer nada além de me observar com muita atenção.

O Mestre tinha o poder de instalar uma atmosfera sagrada de rito. O silêncio da expectativa exaltou a nossa incontável respiração. Ele iniciou uma corrida ao nosso redor. Nossos corpos pulsavam numa imobilidade ativa. A sua energia se dilatou com o ritmo de sua corrida, nos envolvendo, ainda mais, com a sua presença. Na quinta volta, ele saltou e parou a uns dois metros de nós, com o corpo e os braços extremamente abertos, pernas enraizadas, expressão facial aberta ao máximo, que concentrava uma variada escala de emoções, como: alegria, fome, espanto, raiva, desejo, tristeza, coladas naquela máscara xamânica. Simultaneamente soltou um potente grito:

— WOWWWWWW!!!

Uma explosão de energia atingiu nossos corpos e a nossa alma! O mais impressionante aconteceu depois: com toda a energia do seu ser, ele pausou

e sustentou a energia no seu máximo, numa postura vulcânica com o seu corpo, alma e vísceras abertas diante de nós. Controladamente, movimentou somente os seus olhos, procurou o olhar de cada um, para compartilhar conosco a energia gerada. Quando seus olhos cruzaram com os meus, senti-me preenchido de uma vida tão intensa que me faltam palavras para descrever tanta emoção. As falas do corpo liberaram o texto mais rico que senti naquele sagrado silêncio. Estávamos entregues à magia da Mímica. Encontrava-me num tempo aiônico, o das intensidades, como se naqueles segundos fossem concentradas várias vidas. A lição estava clara. O público, quando procura arte, é isso que deseja sentir, o WOW! E para desfazer o feitiço, o xamã mímico, Desmond Jones relaxou a musculatura, baixou os braços, esvaziou a sua intensa energia de rito para a suave energia cotidiana e perguntou, como que para nos despertar de todo o encantamento:

— Que foi isso que eu fiz? Me descrevam o que acabaram de ver.

Tentando organizar em palavras tal acontecimento, o grupo disse, alternadamente:

— Energia! Vida! Presença! Tesão! Força! Alegria! Emoção! Alma!

Anos depois, descobri que a filosofia, as ciências e as religiões têm diversas denominações para tal fenômeno: energia interior, élan vital, conatus, desejo, vontade, potência, daimon, chi (Qi), prana, anima, libido, pulsão de vida, divindade interior, centelha divina, força vital.

Meu Mestre respondeu a todos dizendo que todos estavam certos. E acrescentou:

— É tudo isso, mas na arte da mímica é, simplesmente, WOW!

Cada um de nós teve o desafio de fazer o mesmo ritual na frente de todo o grupo. Experimentamos no corpo a energia massiva do WOW. Uma vivência única! Alegria, risadas, choros, tremedeiras, explosões, uma verdadeira mandala de emoções. Foi um ritual de nascimento. Dizem que o primeiro WOW marca na alma, é inesquecível. E o que me impressionou foi que tantas definições abstratas dessa energia se tornaram concretas e claras no corpo. O invisível se tornou visível! Aconteceu o fenômeno da mímica.

Vivenciar essa jornada me fez emergir à consciência um verdadeiro nirvana. Entendi, claramente, o caminho que percorremos. Primeiro, com o silêncio, ativamos a escuta das nossas pulsações interiores. Segundo, a respiração que conectou com as energias e as emoções. Terceiro, o corpo, que transmutou as sensações e o abstrato em expressão concreta. A tríade está formada para conectar e corporificar o que realmente importa, o

WOW! É isso que o público procura no artista.

As três perguntas que me intrigavam foram respondidas naquele momento. O que te move? Como? E para quem?

Quando iniciei o estudo da mímica queria aprender as técnicas, as ilusões e todo o expertise da fisicalidade, isto é, o “como” me movimentar. Com o tempo, percebi que aquela magia só iria crescer e perdurar se respondesse à primeira pergunta: o que te move? E aí sim chegaria à vida do movimento, ao combustível, ao que pulsa em mim, às urgências, necessidades expressivas, resumindo, ao WOW.

Então, com a energia integrada com as técnicas, os dois elementos se completam para criar e se comunicar com intensidade. E para quem? Para o público, que procura na arte se alimentar da poesia e dessa vida pulsante.

Naquela aula, me senti alimentado e compensado de todo o esforço de uma rotina de imigrante ilegal e do sofrimento causado pela separação da minha história, do meu país e da minha família.

FORÇA DE VONTADE X MOTIVAÇÃO

A rotina do curso era prazerosa, mas muito difícil, devido à alta frequência dos treinos, aos desafios diários de superação, às dores no corpo e no coração. Era normal passarmos por fases de desânimo e de falta de motivação, devido aos obstáculos que encontrávamos nos rompimentos das nossas travas e bloqueios. Eram os momentos de verdadeiras provas, pois as autossabotagens, a vontade de desistir e de jogar tudo para o alto rondavam as nossas fragilidades. Nesses momentos, Desmond dizia:

— Nunca falei que seria fácil!

E, citava seu professor, Étienne Decroux:

— Se é fácil, é vulgar.

Meu mestre me ensinou sobre uma atitude essencial para crescer na arte: a força de vontade, ou ataque, como ele chamava. E aí entra uma crença que é, no mínimo, polêmica, a de não ser guiado pela motivação, pois este, é um sentimento muito instável. Muitas vezes numa criação, ficamos eufóricos, achando que encontramos algo revolucionário. No dia seguinte, ao voltar para a sala de ensaio, sentimos uma enorme decepção, a mesma ideia, que parecia tão maravilhosa, se transforma numa obra pobre e sem originalidade. A motivação murcha. E então, erroneamente,

abandonamos prematuramente o projeto. Isso acontecia muito comigo, entrava em muitos projetos, mas finalizava poucos. É o que acontece quando a motivação nos guia. Desmond dizia que o que sustenta as vitórias dos treinamentos e a realização de nossos objetivos é a Força de Vontade, que garante a continuidade quando a motivação não vem e ela a chama de volta.

Mr. Jones estava certo mais uma vez, pois foi ela que garantiu que eu completasse a formação, apesar de tantas crises. Ela que me guiou na criação da minha companhia teatral, em Londres e na especialização que fiz depois, em Mímica Corporal Dramática. E, nos mais de cinco anos em Londres, consegui nos últimos dois, conquistar algo que parecia impossível, largar os subempregos e viver, unicamente, de arte. Mais um sonho invisível que se tornou visível na mímica da vida!

O DUPLO SINAL

Estava em casa, num dia de folga, quando recebi a visita do Aldo, um amigo brasileiro, que vivia por lá havia muitos anos. Chegou afoito, sentou na cozinha, para um café. Percebi a sua agitação e que precisava me dizer algo. Olhou no fundo dos meus olhos e disse, vou voltar para o Brasil! Fiquei muito surpreso, pois ele tinha um discurso de que não voltaria nunca mais e, assim como tantos por lá, estava desiludido com o nosso país. E continuou:

— Tive um sonho nesta noite! Sonhei que estava andando numa praia, um calor tão bom, as pessoas estavam felizes, sorriam para mim. Eu caminhava na areia fina, branca, as águas molhavam os meus pés e no alto... o Sol do Brasil! Foi um sinal!

Parecia que conseguia ouvir a trilha de fundo. Aquele texto na boca de qualquer pessoa poderia me enjoar de tão romântico e inocente, mas dito por ele, me tocou no fundo da alma, de tão sincero e envolvido que estava.

Aldo voltou para o Brasil, mas aquele sonho ficou comigo. E, após um ano, a saudade do Sol também bateu em mim. Quem sabe aquele sonho não foi um duplo sinal?

O COMEÇO DA MÍMICA TOTAL

Estou agora, no céu, sentado na poltrona do avião, no meio do Atlântico. Atrás de mim, as memórias de uma nova vida em um velho mundo. Sentada comigo, a Arte da Mímica, os ensinamentos do meu mestre e esse novo ser que nasceu em terras estrangeiras. No meu corpo levo o teatro, no meu espaço, o cenário de impossibilidades possíveis e, no meu roteiro, o WOW. Não me falta nada nesse voo! Suspeito que a Mímica é muito mais que um gênero, uma técnica ou ferramenta. Ela é a afirmação da vida em toda a sua plenitude. Olhando a imensidão através da minha janela, percebo que ela está em tudo: no palco, na natureza e na vida cotidiana.

— É isso! Mímica Total! — pensei.

Volto como Luis Louis, em homenagem ao meu eterno professor e a todos que não conseguiam pronunciar o meu nome direito e me chamaram de Louis por mais de cinco lindos anos. À frente, um estranho e conhecido país. Sinto-me indo para terras estrangeiras, pois não sou mais o mesmo, nem o Brasil.

Chego no aeroporto de Guarulhos, atravesso o portão de desembarque, retiro o pesado casaco e sinto o calor no meu peito, o coração bate forte, afinal, uma revolução acontece na vida de um jovem mímico.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. *A arte secreta do ator*. Trad. Luís Otávio Burnier. Campinas: Ed. Unicamp/Hucitec, 1995.
- DECROUX, ÉTIENNE. *Words on Mime*. Claremont: Mime Journal, 1985.
- GAIARSA, José Ângelo. *Programa Consciência: educação para a paz* (vídeo). Canal vitoriaprod, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VEoYT6ze_80>. Acesso em: 16 set. 2021.
- LECOQ, Jacques. *The Moving Body*. Trad. David Bradby. Londres: Methuen, 2002.
- LOUIS, Luis. *A Mímica Total: um inédito e profundo mapeamento desta arte no Brasil e no Mundo*. São Paulo. Giostri. 2014.